

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
GEOGRAFIA BACHARELADO**

**CASSIANE DOS SANTOS SOUZA**

**TERRITÓRIOS E TRAJETÓRIAS FEMININAS: UMA CONVERSA  
COM MULHERES DA GRANDE VITÓRIA**

**VITÓRIA**

**2022**

## ÍNDICE

RESUMO .....	4
INTRODUÇÃO.....	4
OBJETIVOS .....	6
REFERENCIAL TEÓRICO .....	7
METODOLOGIA.....	11
RESULTADOS .....	13
ANÁLISE DOS RESULTADOS COM OS TEXTOS.....	21
CONCLUSÃO .....	25
REFERÊNCIAS .....	26

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a todas as mulheres dispostas a me ajudar a obter respostas para o questionário contido nesse trabalho. Sem cada uma delas eu estaria na luta ainda de escrever esse trabalho.

Em segundo lugar, agradeço aos meus professores do curso de Geografia por todos os ensinamentos adquiridos em meus anos de graduação, e em especial ao meu orientador Prof. Cassio Arruda Boechat por toda sua paciência comigo (risos), mas o senhor foi a melhor pessoa que podia encontrar para me auxiliar nesse trabalho.

Quero agradecer também aos meus colegas de curso por tudo. Por toda companhia e amizade que levarei para o resto de minha vida.

E por fim, mas não menos importante, para minha família que me apoiou durante toda minha trajetória acadêmica, cada vez que me acordaram para ir pegar meu ônibus, vocês são meus pilares. E ao meu noivo que não me deixou desistir desse trabalho de conclusão de curso.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA NATUREZA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
LABORATÓRIO DE ESTUDOS TERRITORIAIS - LATERRA**

**TERRITÓRIOS E TRAJETÓRIAS FEMININAS: UMA CONVERSA COM  
MULHERES DA GRANDE VITÓRIA**

Cassiane dos Santos Souza

## **RESUMO**

*Vemos diariamente a luta do gênero feminino por direitos igualitários em todo o mundo constantemente. É nesse contexto que buscamos entender a vida, trajetória e o território de mulheres da sociedade atual. Para isso, propomos a análise de conteúdo de textos de Silvia Federici e Scheilla Nunes Gonçalves, onde será observada a trajetória de vida destas durante a Idade Média até os dias de hoje e a sua busca por emancipação na luta pelos direitos femininos. Com isso, busca-se como resultado através de uma pesquisa qualitativa, vozes que possam nos mostrar a realidade do gênero feminino na Região Metropolitana da Grande Vitória, nos territórios onde se encontram, estes em que predominam o gênero masculino.*

**Palavras-chave:** *Geografia, Mulheres, Direitos Femininos, Território, Trajetória.*

## **INTRODUÇÃO**

Diariamente lemos sobre a constante luta das mulheres na obtenção de espaço em meio da sociedade. Celebramos diariamente a chegada de figuras femininas na televisão, em posição de destaque dentro de empresas, em escolas, até mesmo, quando é revelado alguma candidatura feminina. Mulheres lutam por esse reconhecimento desde a infância, nem que seja para levantar a mão em sala de aula em um momento de diálogo dentro de uma universidade. Porém, ainda com todo esse reconhecimento sofremos e brigamos a todo momento para que seja mantido o status de alguém importante na sociedade.

Quase todos os dias somos bombardeados com informações de feminicídios, violência doméstica, assédio ou de mulheres ao nosso redor se queixando da forma que são tratadas, seja em suas casas ou em seu trabalho. Segundo o site Dossiê Feminicídio (2016), no ano de 2015 o Brasil ocupava o 5º lugar no *ranking* de homicídios de mulheres no mundo todo.

A série histórica compilada no Mapa da Violência 2015 revela que mais de 106 mil brasileiras foram vítimas de assassinato entre 1980 e 2013. Somente entre 2003 e 2013 foram mais de 46 mil mulheres mortas. Além de alarmantes, o estudo mostra que os índices de vitimização vêm apresentando um lento, mas contínuo aumento ano após ano. (DOSSIÊ FEMININO, 2016)

Esse índice aparentemente não diminuiu, pois mais recentemente em 2021, nos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, de 1975 casos de violência contra mulher, 409 são feminicídios segundo o Instituto Patrícia Galvão (apud Rede de Observatórios da Segurança, 2022).

No caso do estado do Espírito Santo, os índices não são diferentes do restante do país, segundo o jornal digital Século Diário (2022), o número de homicídios aumentou no ano de 2022, crescimento esse que foi noticiado a todo momento em diversos canais de telecomunicação do estado.

Antes mesmo da divulgação dos dados do primeiro bimestre e 2022, o aumento já era perceptível nas mortes noticiadas a cada semana, seja pelo caso da mulher encontrada morta em um apartamento de Vila Velha em janeiro deste ano, ou pelo caso da mulher trans assassinada a facadas em Cachoeiro de Itapemirim, sul do Estado, em fevereiro. O rastro da violência também tem sido maior ano após ano. Em 2019, foram 91 casos, e em 2020, 102 registros, chegando a 106 em 2021. (SÉCULO DIÁRIO, 2022)

Por fim, além da questão da violência, devemos mencionar a falta de emprego no país. Neste ano de vigência, as taxas de desemprego foram

bastante significativas, segundo o IBGE (2022), o índice de desemprego no país foi de “9,1% para os homens e **13,7%** para as mulheres no 1º trimestre de 2022. Já a taxa de desocupação por cor ou raça ficou abaixo da média nacional para os brancos (8,9%) e acima para os pretos (13,3%) e pardos (12,9%)”.

A todo momento durante todo meu progresso a vida adulta observei minha mãe, tias, avós, amigas de minha mãe, entre outras figuras femininas, batalhando pelo seu lugar de pertencimento na sociedade. Via minha mãe poucas vezes durante o dia, pois esta trabalhava desde cedo, até tarde da noite para contribuir financeiramente para a família. Ela não podendo finalizar o ensino fundamental pois trabalhava em casa de outras pessoas, desde seus 12 anos; e nesse tempo todo de trabalho adquiriu diversas doenças ocupacionais devido a todo esse esforço.

Quando podia, ela me levava para o serviço para acompanhá-la e eu observava a diferença social entre as patroas de minha mãe e nós mesma. Eu contemplava suas casas grandes e glamurosas, e pensava se minha mãe se sentia confortável e feliz trabalhando para essas pessoas, afinal, no final do expediente voltávamos a nossa vida simples e normal. Sempre me perguntava se ela gostaria de fazer outra coisa da sua vida e ela me responde que seu nome: Rita de Cássia, foi escolhido pois sua mãe queria que ela fosse enfermeira, ou seja, sua mãe não queria que ela tivesse o mesmo desfecho que ela teve, de ser uma dona de casa que não conseguiu seguir seu sonho.

E é com esse motivo que me proponho a realizar essa pesquisa. Analisar quais seriam os territórios e trajetórias das mulheres capixabas, com foco na Região Metropolitana da Grande Vitória. Quais seriam seus sonhos? O que te impediram de realizá-los? E por fim, como que elas se veem na situação de hoje? Seriam elas felizes?

## **OBJETIVOS**

Assim, temos como objetivo central, entrevistar mulheres, não diferenciando níveis de ascensão social ou relações étnico-raciais, e conversar

sobre suas trajetórias de vida, sobre como se destacaram na sociedade, seja no reconhecimento social, ou em sua carreira profissional; quais são seus territórios, onde se sentem confortáveis ou não de estarem, como ascenderam neste, seja em nível social ou econômico.

Além disso, verificar através da bibliografia, como se encontra o corpo feminino num campo misógino e racista no meio a qual estão inseridas, compreender de onde vem a busca pela revolução dos direitos do gênero feminino, explicar as dificuldades e facilidades que mulheres encontram nesses territórios e por fim, identificar quais territórios essas mulheres conseguem ter maior sucesso para se destacarem e onde não conseguem.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Compreendemos que a existência das mulheres na sociedade foi repleta de turbulências ao longo dos séculos, desde a Idade Média até os dias de hoje. E isso não foi exclusivo para uma certa parte de mulheres e sim todas elas. Federici escreveu em seu livro *Calibã e a Bruxa* (2004) um apanhado histórico de subjugação do corpo da mulher, desde a Europa, como nas colônias das Américas.

Com a expropriação das terras europeias, diversas pessoas perderam suas propriedades e foram para as cidades em busca de trabalho para a autossustentação. As mulheres nessa época perderam seu direito de trabalho e, com isso, algumas prostituem-se, outras lutam pela reivindicação de suas terras e oportunidades de se sustentarem. As mulheres se encontraram numa situação prejudicial e o que lhes restava era o papel de mera reprodutora, já que este trabalho foi relegado a elas. Está sendo sua única função, mesmo em períodos que era desencorajada. Daí surge o termo de 'dona de casa', pois elas precisariam cumprir seu 'papel' e não deveriam trabalhar, já que era uma tarefa masculina, o que lhes restava eram ser sujeitadas a depender dos homens (FEDERICI, 2004, p. 120-133). Federici apresenta então, a divisão sexual, que seria:

A divisão sexual do trabalho que emergiu daí não apenas sujeitou as mulheres ao trabalho reprodutivo, mas também aumentou sua dependência em relação aos homens, permitindo que o Estado e os empregadores usassem o salário masculino como instrumento para comandar o trabalho das mulheres. Dessa forma, a separação efetuada entre produção de mercadorias e reprodução da força de trabalho também tornou possível o desenvolvimento de um uso especificamente capitalista do salário e dos mercados como meios para a acumulação de trabalho não-remunerado. (FEDERICI, 2004, p. 133)

Num período mais recente, Federici escreve “O ponto zero da revolução” (2019), este se manifestando como um chamado para todas as mulheres irem atrás dos seus direitos igualitários aos dos homens, quebrando os paradigmas da mulher ‘dona de casa’. A autora fala sobre a perpetuação da romantização do trabalho doméstico, como se este fosse uma premissa para a figura da mulher na sociedade atual, algo como seu destino. Mulheres pelo mundo crescem com esse ‘medo’, acham que podem fugir disso, mas é o que lhes resta, pois, a partir do momento que o patriarcado dita isso, este é o caminho para o futuro das mulheres. Assim, é dever de todas reivindicar seus direitos, por melhoria de vida, oportunidades e melhores salários; buscar pelo seu lugar na sociedade, entender que não tem os mesmos direitos que os homens e ir em busca da revolução feminina.

Nesse sentido, é um absurdo comparar a luta das mulheres por salário doméstico com a luta dos trabalhadores do sexo masculino das fábricas por aumento salarial. [...] Deve ficar claro, no entanto, que, quando lutamos por um salário, não lutamos para entrar na lógica das relações capitalistas, porque nós nunca estivemos fora delas. Nós lutamos para destruir o papel que o capitalismo outorgou às mulheres, que é um momento essencial da divisão do trabalho e do poder social dentro da classe trabalhadora, por meio do



qual o capital tem sido capaz de manter sua hegemonia.  
(FEDERICI, 2019, p. 47)

Ao pensar na perspectiva da mulher periférica, o texto *Mulheres dos Escombros* (2019) de Scheilla Nunes Gonçalves, discute a situação da mulher negra perante a sociedade brasileira escravista. As mulheres negras escravizadas eram aquelas que deveriam suportar toda forma de trabalho braçal de maneira obrigatória, enquanto a mulher branca era vista como frágil e não eram submetidas a este tipo de trabalho. Mulheres negras eram tratadas de todas as formas degradantes possíveis, sendo sujeitadas à exploração de seus senhores. Elas deveriam fazer todos os trabalhos dentro da casa grande, tomar conta dos filhos das senhoras e além das humilhações as quais sofriam por parte das senhoras, essas mulheres, foram forçadas a atender as vontades dos senhores, sendo humilhadas e abusadas, em grande parte das vezes de formas sexuais.

A perpetuação das condições de violências impostas às negras e aos negros depois de abolida oficialmente a escravidão, mesmo que superficialmente diferenciadas pelas características que se desdobraram de cada período, atestam o caráter constitutivo do racismo na formação brasileira e se expressam na maneira pela qual a população negra é relegada aos 'quartos do despejo'[...]. E a mulher negra nesse quadro é a figura mais vulnerável na medida em que é exposta a todas as camadas de violência perpetradas pelo machismo e pelo racismo que estruturam o patriarcado produtor de mercadorias no Brasil. (NUNES GONÇALVES, 2019, p.227)

Em paralelo à Scheilla, Angela Davis nos mostra uma perspectiva da questão da mulher negra estadunidense no período escravocrata, se mostrando um tanto semelhante em seu livro *Mulheres, Raça e Classe*, capítulo "O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher" (2016). A autora escreve sobre a situação de uma matriarca negra, que está em situação de escravidão. Estas são constantemente ignoradas, pois, elas podem se casar e

atingir mais baixo nível de status social, mas continuará sendo incessantemente inferior a mulher branca. Ainda, há uma despersonalização da mulher, pois, o status social da mulher era de escrava trabalhadora e propriedade de seu proprietário apenas, e quanto ao seu 'eu' feminino, este vai ser levado em consideração em apenas algumas ocasiões. Assim como no caso do Brasil, a mulher negra era considerada como um nada, como um objeto sem alma que estava ali apenas para cumprir seu dever que lhe foi forçado a fazer.

(...) “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa”. A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias.” (DAVIS, p. 24, 2016)

Pensando na questão do fazer o território, Saquet vai nos dizer é no território onde se pode encontrar a mais variada pluralidade de sujeitos –esses agindo de forma diferente, tanto em relação entre si, como estabelecendo relações de poderes; que é construído um território de diversas identidades. Ele ainda aponta que:

No território, existe uma pluralidade de sujeitos, em relação recíproca, contraditória e de unidade entre si, no e com outros lugares e pessoas; identidades. Os elementos basilares do território, ou seja, as redes de circulação e comunicação, as relações de poder, as contradições e a identidade, interligam-se, fundem-se umas nas outras numa trama relacional – (multitemporal e multiescalar) indissociável. (SAQUET, 2010, p.158)

Entende-se por território, onde se estabelecem relações e afeto individual, nele é possível experienciá-lo de diversas maneiras diferentes. É no território que nos descobrimos e partilhamos de momentos de nossas vidas, e assim,

construímos unicamente nosso próprio território. Quanto à trajetória, compreende-se a ideia de vivências cotidianas interpessoais, sejam no dia a dia, no trabalho, nos acontecimentos passados e presentes, entre outros.

Assim, este trabalho parte da ideia de compreender o território e a trajetória do gênero feminino no século XXI. Entender quais os percalços que elas tiveram de enfrentar desde tão pequenas até os dias de hoje; o que que elas ouviam de suas de figuras femininas mais velhas, como chegaram até onde estão. Investigar mais a fundo quais os problemas enfrentados por essas mulheres, o que fez elas persistirem até onde estão, e se não persistiram, o porquê dessa decisão. O que as levou até quem são hoje, e como se deu essa trajetória de vida desde seu nascimento até o período atual em que se reconhecem como mulher.

## **METODOLOGIA**

Como metodologia, buscamos utilizar de formas que estabeleçam uma análise concreta acerca da trajetória feminina, na atualidade, demonstrando as lutas travadas por muitas mulheres em busca do seu lugar na sociedade.

Dispõe-se, como recurso, o aporte da análise de conteúdo, para uma investigação dos textos utilizados como referencial teórico para este trabalho. Segundo Moraes (1999), a análise de conteúdo,

[...] constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (MORAES, 1999, p.2)

Diante disso, fez-se um apanhado histórico – já visto no ponto anterior; como embasamento teórico da trajetória feminina, primeiro com Federici (2004), fazendo um trajeto pela existência das mulheres dentro da sociedade europeia na Idade Média até o século XVIII; em seguida, desenvolveu-se um paralelo da

situação da mulher negra no período escravocrata, tanto no Brasil por Nunes Gonçalves (2019), como nos EUA por Davis (1981) e por fim, tomamos ciência da vida doméstica de mulheres no Brasil e sua constante luta para subverter sua situação atual descrita por Federici (2019).

Para a obtenção de dados necessários para a entrevista, foram desenvolvidas algumas perguntas que direcionadas às mulheres residentes da Região Metropolitana da Grande Vitória, nos dando a oportunidade de conhecer as vivências e experiências de cada uma. Assim, foi utilizado o modelo de pesquisa qualitativa, que segundo Deslauriers,

O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações. (apud GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 32)

Quando ao caso das perguntas, estas foram desenvolvidas em forma de questionário, assim, as entrevistadas teriam autonomia em suas respostas, segundo Gil elas seriam uma,

[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (1999, p. 128).

E assim foi estruturado nosso questionário que se mostrou como o cerne principal deste trabalho. Diante disso, como forma de análise prática, utilizamos a plataforma Google Formulários para obter resultados de nossa pesquisa, esta sendo aberta para uso, armazenando os resultados na nuvem e podendo ser acessada a qualquer momento.

Primeiramente foram pensadas perguntas para conter o formulário que perpassassem todas as questões levantadas na pesquisa, acerca dos territórios

e trajetórias femininas. Tivemos alguns percalços no caminho, pois, tive dificuldade em me encontrar novamente com o tema da pesquisa; me mudei para longe da minha família, para viver em outro estado e construir minha carreira de professora, já que no estado, havia poucas oportunidades de trabalho em minha área. Além disso tive de me acostumar com a rotina escolar e de estudante, isto me fez perder o foco na minha pesquisa de forma completa.

Apesar de termos feito uma pesquisa utilizando métodos quantitativos, esta se deu com caráter qualitativo, pois, não achamos necessidade em fazer um estudo de caso ou um censo, com um olhar estatístico da população utilizando o aporte da amostragem. E isso se revela quando nossos resultados foram de 21 entrevistas, sendo esse número irrelevante para uma pesquisa quantitativa. O nosso objetivo era de fazer a entrevistada se sentir à vontade em responder as perguntas, sendo que nenhuma delas eram obrigatórias, assim, o questionário foi aberto completamente para resposta e interpretação, onde descobri pessoas dispostas a fazerem o trabalho de forma conjunta, uma pesquisa semiestruturada onde é deixado que as entrevistadas se expressem da forma como desejarem sem limitações. Desta maneira, como forma de resultados obtivemos um detalhamento e maior compreensão acerca das respostas obtidas pelos alvos da pesquisa.

Nosso objetivo era fazer uma entrevista, que mesmo à distância, narrasse a vida dessas mulheres. E desta forma, o formulário foi elaborado e enviado para colegas do curso de Geografia e para mulheres de meu grupo social. Dali, foi deixado a liberdade de que enviassem para outras pessoas que tivessem interesse e que também entrevistassem algumas de suas conhecidas. Indiretamente, este questionário atingiu uma rede de pessoas com vidas completamente interessantes, e este trabalho, meio que tornou as entrevistadas em função de entrevistadoras também, como se fosse um grande trabalho em grupo.

## **RESULTADOS**

Como resultado da pesquisa, obtivemos um total de 21 (vinte e uma) respostas no questionário. Este foi enviado para estudantes do curso e familiares, e repassadas por estas pessoas para outras mulheres, sejam elas

suas mães, tias, irmãs, amigas etc. Como forma de manter a identidade, preferimos utilizar o termo 'Entrevistada' e o número de colocação da resposta.

Dentre as entrevistadas, obtivemos uma faixa etária bastante variada, assim, jovens de 20 anos e mulheres mais velhas de 66 anos responderam ao formulário, isto evidencia uma distribuição de pontos de vistas acerca do assunto de maior cerne do questionário que seria as diferentes trajetórias e vivências de mulheres na RMGV.

Ainda sobre as características das entrevistadas, observamos que grande parte das mulheres eram solteiras ou casadas (Gráfico 1), pondo em vista que grande parte das mulheres que responderam a esse questionário foram mulheres dentro da faixa etária de 20 a 25 anos de idade.

Estado civil:  
21 respostas

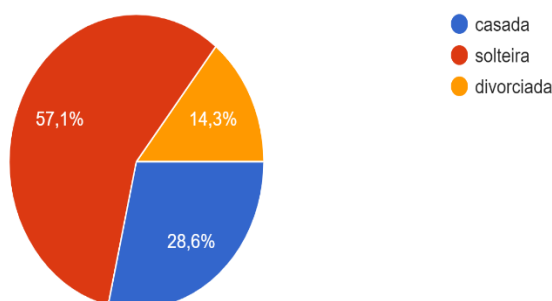


Gráfico 1- Estado civil das entrevistadas.  
Fonte: Formulário.

Quanto ao local de nascimento (Gráfico 2) e moradia (Gráfico 3) dessas mulheres, observa-se que a maior parte das entrevistadas nasceram na RMGV, ressaltando algumas nascidas na região noroeste do estado e outras que nasceram em outros estados do Brasil. Já no caso de moradia, temos moradoras de Serra em maior proporção, em sequência, moradoras de Vila Velha e por fim, moradoras de Vitória. Na pergunta sobre irmãos e filhos, foi observado que das vinte e uma entrevistadas, apenas uma não tinha irmãos e sete delas tinham filhos.

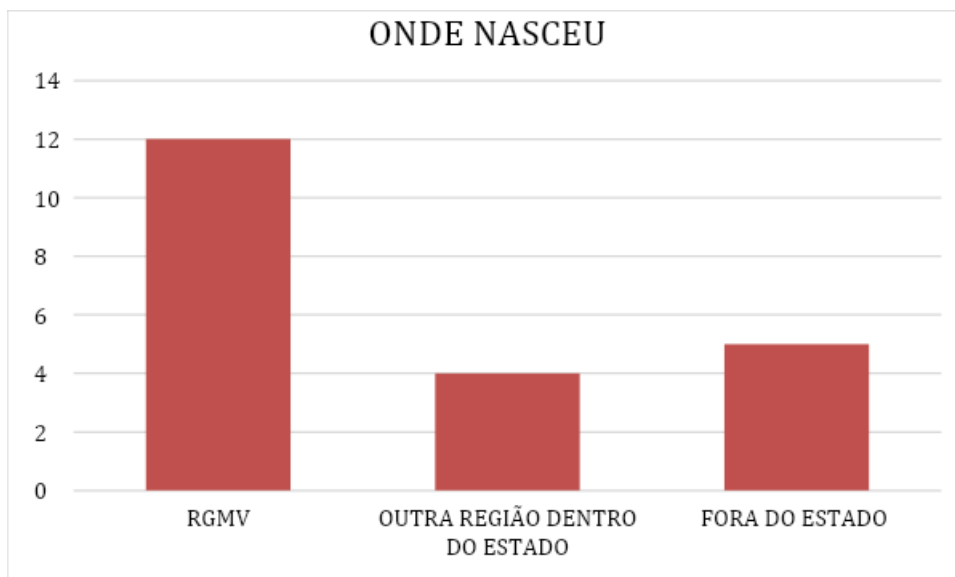


Gráfico 2 – Local de nascimento das entrevistadas.  
Fonte: Formulário.

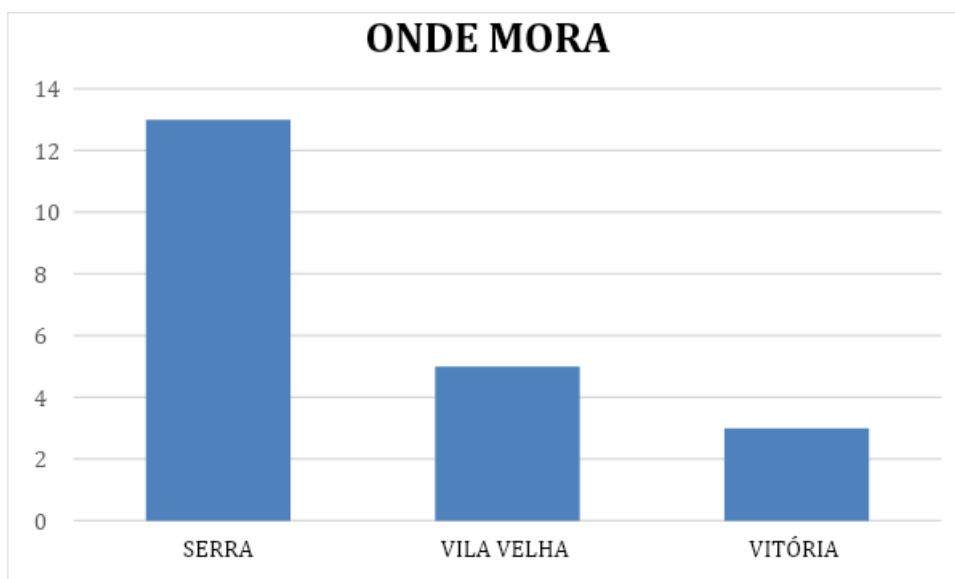


Gráfico 3 – Local de moradia das entrevistas.  
Fonte: Formulário.

Quando perguntado se estas observavam alguma diferença para a vida dela e de sua mãe, todas responderam que sim. Foram ressaltadas questões sobre as distintas criações entre mães e filhas, educação dissemelhante – muitas mães não concluíram o fundamental e começaram a trabalhar bem cedo em comparação às suas filhas. A questão financeira também foi um ponto a ser levado em conta para as entrevistadas, pois muitas delas responderam que tiveram oportunidade de estudo superior e melhores condições de trabalhos que

suas mães, além de que estas puderam fazer o que gostariam de fazer ao invés de se contentar com trabalho que lhes foi direcionado a fazer.

*“Sim, minha mãe foi mãe muito jovem. Não concluiu o ensino fundamental, começou trabalhar aos 12 anos e teve uma vida mais difícil que a minha. E eu não tenho filhos, não pretendo ter e pude acessar o ensino superior.”*  
(Entrevistada 14)

*“De criação existem muitas diferenças. Minha mãe é filha de fazendeiro, foi criada com bastante fartura, mas sofreu muitas violências, considerando o vício em álcool de seu pai. Vive em um casamento que não considero saudável e, conseqüentemente, concluiu somente o magistério e tem poucas realizações profissionais. Eu, por outro lado, apesar da tentativa de meu pai em tornar-me mais uma mulher submissa dedicada apenas aos cuidados do lar, trabalho desde muito cedo para conquistar meu espaço no mercado, hoje, além de uma gama vasta de cursos diversos, tenho um bacharel em direito em andamento, sou coordenadora de uma das maiores empresas do comércio de materiais médico-hospitalares (Bramed Comércio Hospitalar do Brasil Ltda.) e tenho um casamento saudável de muito apoio, respeito e incentivo.”* (Entrevista 1)

Na pergunta sobre diferença entre as entrevistadas e sua patroa, muitas responderam não ter patroa, ou seja, grande parte delas estão desempregadas. Já as demais entrevistadas, evidenciaram as diferenças salariais diante de seus superiores, também a questão da realidade entre estas, pois há também diferença de criação, seja por idade, por condição financeira e a forma como as visões de mundo entre as duas partes serem diferenciadas.

*“Ela possuiu uma visão mais tradicional da realidade no que se refere a comportamentos sociais, política e religião, apesar de ter uma aceitação melhor para a questão das orientações de gênero.”* (Entrevistada 4)

*“Totalmente, minha patroa, além do óbvio que é a diferença de qualidade de vida por conta da grana que ela tem hoje, acredito que a forma como ela foi criada, os valores, somos bem diferentes também pelo fato de sermos criadas em épocas bem diferentes, já que ela é uma mulher de mais idade.”* (Entrevistada 9)



Em relação a diferença de rendimento e hierarquia, seja em casa ou trabalho, com seu marido ou irmãos, cinco delas responderam que não. O restante das entrevistadas, salientaram a diferença de criação entre irmãos, onde os homens podiam fazer “tudo que quisessem”, enquanto as mulheres deviam fazer os afazeres domésticos de casa.

No tocante aos seus maridos, foi observado divergência salarial devido aos diferentes tipos de profissões entre eles. Porém, elas disseram não haver dissemelhanças hierárquicas em suas casas, ressaltando a diferença delas e suas mães, em que muitas delas apresentaram uma certa dependência de suas matriarcas para seus maridos.

*“Ainda que sutis sim. A divisão da tarefa doméstica recai sempre para nós mulheres.” (Entrevistada 20)*

*“Sim. Meus pais foram ensinados que homens podem fazer o que quiser só por serem homens, e isso refletiu na criação dos meus irmãos. Eles sempre foram mais liberais e sempre tiveram mais poder de opinar em tudo aqui em casa do que eu, mesmo depois de "grande".” (Entrevistada 16)*

*“Entre mim e meus irmãos não. Mas entre minhas irmãs que são mais velhas que eu (tem entre 38 e 48 anos) é perceptível que tiveram menos oportunidades de estudo que os irmãos. Duas são donas de casa e uma que é solteira voltou a estudar e trabalhar agora que seus filhos estão grandes. Diferentes dos meus irmãos homens que sempre tiveram emprego e renda, independentemente de suas cônjuges ou filhos.” (Entrevistada 13)*

*“No trabalho os meus irmãos já saíram em vantagem eles seguiram as forças armadas e logo começaram a ganhar dinheiro, e conseguindo um trabalho logo após esse período o salário que já ganhavam desde muito jovem os possibilitou estudar fazer curso técnico enquanto nós as mulheres ficávamos em casa suspirando por um príncipe encantado.” (Entrevistada 5)*

A respeito de sua primeira oportunidade de relevância na vida, foi enfatizado a questão dos estudos – em que muitas delas, por volta dos vinte anos de idade começaram a graduação ou conseguiram ingressar num curso técnico; e do trabalho, algumas conseguiram promoção e maior destaque em

sua profissão, alavancando sua carreira e outra conseguiu adquirir seu próprio estabelecimento.

Atrelando a essa questão, foi perguntado qual foi ou era seu maior sonho e o que as impediu de realizá-lo. Dentre as respostas foi destacado o almejo por estabilidade financeira e o desejo pela casa própria. Além disso, muitas das respostas eram voltadas para a finalização de seus cursos técnicos e superiores e a realização de pós-graduação, mestrados e doutorados.

Ainda, é notado o interesse por conquistas de seus filhos por melhores condições de vida, seja fazendo algum curso superior ou simplesmente pela conquista de felicidade no futuro. No caso do motivo em que não puderam realizá-lo, muitas delas levantaram a questão financeira instável, ou o fato de terem alcançado a maternidade muito jovens, fazendo com que esta não conseguisse continuar a perseguir seu sonho.

*“Não tenho grandes sonhos, mas desejo ver meus filhos seguirem suas vidas em segurança pra que eu possa viver tranquila sem muitas preocupações.”*  
(Entrevistada 20)

*“O meu maior sonho sempre foi cantar, eu escrevi letras que transformo em música, mas nunca cantei, o que me impediu foi a maternidade muito jovem fui mãe e vivi um casamento que não foi exatamente um conto de fadas, eu sempre pensei que um bom casamento fosse tudo que pudesse ter então investi tudo em relacionamento quando tudo acabou não sabia o que fazer.”* (Entrevistada 17)

*“Tenho vários. Realizei alguns. Ser independente e assim sou desde os 19 anos. Morar sozinha ou em república assim o faço desde os 26. Fui arrumadora de casa de família desde os 11 anos. Fazia o trabalho doméstico de minha família desde os 10. E trabalho para contribuir na renda familiar desde os 7 anos. Conseguir ajudar meus irmãos mais novos a serem independentes e conquistar isso para mim foi de longe o maior sonho. Porém sonho curar meu emocional e psicológico. Me formar ir ao exterior publicar livros meus e uma obra póstuma de minha irmã caçula. Quero constituir família e ter um filho biológico e um adotivo e muitas outras coisas mais. Ainda que o mundo me diga muitos nãoos meu espírito jamais desistiu de sonhar.”* (Entrevistada 1)

Acerca da pergunta sobre as dificuldades encontradas durante a trajetória de vida das entrevistadas, ressaltou-se a questão do preconceito, machismo, falta de emprego e pobreza, problemas familiares e violência, seja doméstica ou psicológica. Vale salientar também a questão do abandono paterno que algumas das mulheres entrevistadas mencionaram. Muitas delas tiveram de trabalhar desde cedo para sustentar suas famílias e se autossustentar, ademais, muitas delas enfrentaram a dificuldade de acesso a uma juventude completa, sem que tivessem de começar a trabalhar cedo.

*“Sofri um pouco por ser negra na infância. Cresci sem conhecer meu pai, que saiu do país para tentar nos dar uma vida melhor (ele conseguiu, mas infelizmente sofreu muito e não está mais aqui para contar a história). Sempre tive que fazer todo estudo sozinha, minha mãe estudou bem pouco e não conseguia me ajudar e meus irmãos estavam sempre trabalhando. Então sempre me virei sozinha desde pequena, tanto nos estudos quanto para manter a casa limpa (nessa parte eu tinha ajuda da minha irmã).” (Entrevistada 2)*

*“Sem dúvida, foram muitas. Acredito que as que mais dificultaram foram: a rivalidade feminina; os estereótipos femininos, inclusive sobre o que é a feminilidade e quais os padrões comportamentais de uma mulher (fragilidade, emoções à flor da pele, instabilidade, vulnerabilidade etc.); e o preconceito com pessoas jovens e a imagem de descrédito e imaturidade.” (Entrevistada 14)*

*“Inúmeros. Pobreza. Violência física/psíquica e emocional e problemas familiares por mais de 11 anos. Preconceitos e estigmas. Passei por alguns graves problemas de saúde física e psíquica e venho superando, somos desdobráveis como dizia Adélia Prado. ‘Oh fardo pesado, o que carrega uma mulher’.” (Entrevistada 1)*

No que se refere ao fato de serem mulheres, foi perguntado se isto às desfavoreceu de alguma maneira. Muitas delas responderam que não ou que se aconteceu esta não notou. Supõe-se que este fato tem se mostrou tão banal, que estas não notaram que estavam sofrendo por serem apenas mulher.

Com relação as mulheres que responderam que sim, estas ressaltaram questões sobre sua raça, fenótipo e região de nascimento; além do fato de que

como ser mulher abre espaço para serem tratadas como inferiores ou mais frágeis que o sexo masculino.

*“Sim! Como disse acima homem jovem ele tem uma obrigação com a pátria, e isso se dá em ambiente externo enquanto nós as mulheres pelo menos no meu tempo éramos ensinadas a ser excelentes donas de casa então na minha opinião ser mulher me atrasou sim e muito.” (Entrevistada 5)*

*“Sim, em muitos momentos. Isso está em situações cotidianas como ser interrompida nos diálogos, o fato de algumas pessoas se sentirem no direito de me desrespeitarem apenas por eu ser mulher ou subestimarem minha capacidade de fazer uma mesma coisa que um homem poderia fazer sem receber nenhum questionamento. Não poder viver o espaço público sem estar sempre em estado de alerta também me desfavorece como mulher. E muitas outras questões subjetivas que são reflexo do quanto uma mulher é podada desde cedo em seus modos e possibilidades de ser, que preciso/precisamos estar sempre (re)pensando através da tomada de consciência e desnaturalização de tudo que foi/é produzido o tempo todo pela socialização machista.” (Entrevistada 10)*

Concernente a isto, na última questão, foi perguntado como estas mulheres enxergam sua realidade atual. É observado que muitas delas mencionam a questão da desigualdade social e preconceito de gênero sendo um agravante na vida delas.

*“Minha realidade atual é vencer os preconceitos por conta da minha sexualidade!” (Entrevistada 4)*

*“Acho que é boa, mas acredito que poderia ser melhor, assim como a de muitas outras mulheres que têm que lidar com situações no dia a dia que poderiam ser evitadas se a sociedade fosse menos marcada pela desigualdade e preconceito de gênero. Em outros aspectos espero que eu continue buscando e sonhando com uma realidade melhor do que a atual, econômica e psicologicamente.” (Entrevistada 14)*

Por fim, ainda na última pergunta, muitas delas demonstram lutar pelos seus direitos como cidadãs, para que estas possam ser reconhecidas como

mulheres fortes dentro do meio social e que através disso possam garantir para as gerações femininas futuras um futuro mais digno dentro da sociedade.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS COM OS TEXTOS**

O perfil de nossas entrevistas se mostrou um tanto igual, todas se mostraram muito confortáveis em responder as questões de forma que obtivemos um bom conjunto de respostas. Como falado na metodologia, o questionário foi enviado para mulheres do curso de Geografia e mulheres de meu curso social e repassados por estas para outras pessoas. Perante a isto, dez delas são desconhecidas para mim, porém, acredito que algumas delas sejam feministas e que elas tenham uma forma de pensamento similar, por exemplo, quase todas elas deram a entender que se não fossem mulheres, estas teriam uma vida bem mais favorável.

Posto isto, ao analisar o ponto de vista das entrevistadas sobre sua trajetória como mulheres na sociedade atual, nos deparamos com semelhanças vistas nos textos utilizados como referencial teórico para este trabalho. Em muitos momentos, no capítulo 2 de *Calibã e a bruxa*, Federici (2004) é citado a condição de subjugação da vida das mulheres, a forma como elas foram ignoradas do papel de pessoas trabalhadoras sendo lançadas para o desgastante trabalho de reprodutora.

(...) elas passaram a encontrar dificuldades maiores do que as dos homens para se sustentar, tendo sido confinadas ao trabalho reprodutivo no exato momento em que este trabalho estava sendo absolutamente desvalorizado. No entanto, a importância econômica da reprodução da força de trabalho realizada no âmbito doméstico e sua função na acumulação do capital se tornaram invisíveis, sendo mistificada como uma vocação natural e sendo designada como “trabalho de mulheres”. Além disso, as mulheres foram excluídas de muitas ocupações assalariadas, e, quando trabalhavam em troca de pagamento, ganhavam uma miséria em comparação com o salário masculino médio. (FEDERICI, 2004, p. 132-133)

Perante a isso, quando lemos as respostas recebidas no formulário, é observado que muitas das mães das entrevistadas passaram pelo mesmo fardo. Não tiveram a juventude como suas filhas e necessitaram de arranjar trabalhos talvez indesejados e muito cedo para prover para seus filhos, já que este trabalho nunca foi e nunca será do homem, pois é uma premissa natural que uma mulher cuide de sua prole e mantenha sua casa no lugar. Em pergunta sobre a diferença entre elas e sua mãe, uma das entrevistadas responde:

*“Sim. Minha mãe não teve acesso à métodos contraceptivos, eu tive. Minha mãe estudou, mas, por imposição teve que cuidar da casa e dos filhos. Eu estudei, mas de comum acordo com meu marido resolvemos que eu cuidaria dos filhos primeiro e hoje me especializei e trabalho fora.” (Entrevistada 9)*

Essa é uma fala vista de várias formas diferentes durante a pesquisa, mulheres com uma vida um tanto melhor que suas mães, porém ainda assim com um fundo de falta de liberdade para realizar seus objetivos de forma completa.

Pensando numa perspectiva racial, Angela Davis em seu livro *Mulheres, Raça e Classe* (2016), nos mostra uma diferente perspectiva da situação da mulher negra focada nos Estados Unidos, segundo a autora, falta um conhecimento e uma sensibilidade para com a trajetória da mulher negra norte americana (Davis, p. 23), isto em paralelo com a situação da mulher negra brasileira se assemelha, pois da mesma maneira, estas mulheres eram tratadas como inferiores e menores que as mulheres brancas.

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. (HOOKS apud NUNES GONÇALVES, 2019, p. 229)

Diante disto muitas, das participantes alegaram sofrer devido sua cor de pele, ou região onde moravam, evidenciando uma perpetuação dos eventos ocorridos durante ao período escravocrata, permanecendo na cultura da sociedade atual. Vale ressaltar a forma como a sociedade brasileira ainda mantém em sua estrutura um racismo enraizado, pois, o fato de desmerecer uma pessoa por sua cor muitas das vezes se passa como natural, e isso evidencia

este lado ruim da sociedade como um todo; e observamos isto numa fala de uma entrevistada

Cabe tratar, por conseguinte, do modo pelo qual este traço se se desdobra na particularidade da sociedade brasileira, constituindo hierarquias sociais que determinam a realidade das mulheres e se exprimem também em diferenças entre estas que se apresentam não apenas como herança do período escravocrata, mas como consequência do racismo que vai estruturar nossa sociabilidade e lhe é, portanto, constitutivo. (NUNES GONÇALVES, 2019, p.225)

*“Sofri um pouco por ser negra na infância. Cresci sem conhecer meu pai, que saiu do país para tentar nos dar uma vida melhor (ele conseguiu, mas infelizmente sofreu muito e não está mais aqui para contar a história) Sempre tive que fazer todo estudo sozinha, minha mãe estudou bem pouco e não conseguia me ajudar e meus irmãos estavam sempre trabalhando. Então sempre me virei sozinha desde pequena, tanto nos estudos quanto para manter a casa limpa (nessa parte eu tinha ajuda da minha irmã).” (Entrevistada 5)*

Comparando isto aos resultados da pesquisa, vemos que muitas das entrevistadas viviam situações citadas nos textos referenciais dessa pesquisa, ou seja, observamos mulheres que passaram por situações degradantes para qualquer cidadão da sociedade, tendo que lutar para sair de qualquer modo de violência, preconceito e pobreza. Nunes Gonçalves cita no início do capítulo analisado a frase “Eu sou negra, a fome é amarela e dói muito” (apud JESUS, 2019, p. 225), extraída do livro Quarto do despejo, que apresenta demasiada essa constante dificuldade da sociedade brasileira em sua grande maioria.

*“Inúmeros. Pobreza. Violência física/psíquica e emocional e problemas familiares por mais de 11 anos. Preconceitos e estigmas. Passei por alguns graves problemas de saúde física e psíquica e venho superando, somos desdobráveis como dizia Adélia Prado. ‘Oh fardo pesado, o que carrega uma mulher’.” (Entrevistada 1)*

Percebe-se que muitas delas queriam sair do ciclo de sujeição à dependência masculina; dependência esta que é atribuída à mulher, devido à falta de trabalho e oportunidades para a classe feminina. Estas mulheres gostariam de ter uma vida mais justa e igualitária, onde ela possa buscar seus sonhos, talvez até os mais irreais, apenas pela possibilidade de poder fazer algo que realmente as fizessem feliz.

*“O meu maior sonho sempre foi cantar, eu escrevi letras que transformo em música, mas nunca cantei. O que me impediu foi a maternidade muito jovem fui mãe e vivi um casamento que não foi exatamente um conto de fadas, eu sempre pensei que um bom casamento fosse tudo que pudesse ter então investi tudo em relacionamento quando tudo acabou não sabia o que fazer. (Entrevistada 5)*

Como Federici (2019) fala é a hora das mulheres lutarem pela libertação feminina, não aceitar essa premissa que nos aparenta natural, o de ser apenas uma dona de casa sem nenhuma perspectiva. Devemos todas correr atrás de nossos direitos, quebrar essa barreira que nos é imposta, deixar a situação comumente escolhida para nós mulheres e alavancar suas vidas da forma que quisermos.

O problema com esse posicionamento é que, na nossa imaginação, nós costumamos acrescentar um pouco mais de dinheiro à vida miserável que levamos hoje, e então nos perguntamos, “e daí?”, sob a falsa premissa de que poderíamos conseguir esse dinheiro sem ao mesmo tempo revolucionar — durante o processo de luta — todas as nossas relações familiares e sociais. Mas, se olharmos para o salário pelo trabalho doméstico através de uma perspectiva política, podemos ver que lutar por isso produzirá uma revolução em nossa vida e em nosso poder social como mulheres. (FEDERICI, 2019, p. 41)

*“Hoje estou bem melhor mais inserida na vida pública consigo pelo menos perceber que o conto de fadas não existe, e criei uma filha totalmente independente e isso é crescer então estou bem, escrevo, participo da vida pública e faço minha parte onde passo.” (Entrevistada 17)*



## CONCLUSÃO

Fazendo uma análise completa sobre esse trabalho, me deparo com a minha realidade. Como muitas das entrevistadas tive uma juventude bem diferente da minha mãe, como mencionado anteriormente, ela começou a trabalhar desde muito nova, teve uma filha aos 19 anos e se casou cedo, tendo mais dois filhos depois, eu sendo a caçula; e nesse meio tempo, trabalhou a todo momento sem nem poder desfrutar de seus 20/30 anos como fazemos agora.

Aos 19 anos eu estava no meu segundo ano da faculdade, finalizando um curso técnico e concluindo meu curso de inglês, sem trabalho, apenas estagiando, pois, como acordo com meus pais, foi me dado a chance de focar nos meus estudos. Há 1 ano eu finalizei minha graduação e minha mãe voltou para a escola desde o começo do fundamental, porque ela queria começar do zero e aprender tudo de novo. Este ano eu iniciei como professora e dou aula para alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e minha mãe está finalizando o Fundamental II. Acredito que ambas realizaram seu sonho, uma mais cedo que a outra, porém com a mesma intensidade de realizações.

Esse trabalho representou diversas coisas tanto para mim como as entrevistadas. Para mim, foi uma forma de me reconectar com o meu 'eu' como mulher negra, que teve de passar por cima de muitas coisas para chegar até onde cheguei e hoje poder estar aqui escrevendo sobre esse assunto; e para elas, acredito, foi uma forma de expressar suas frustrações e se alegrar com sua realidade atual, pois, apesar de todos os percalços que passamos, continuamos lutando e vencendo o nosso lugar na sociedade e ninguém vai poder tirar isso de nós. Estamos constantemente criando o nosso território, deixando do jeito que queremos e tomando posse dele, não permitindo que este seja tirado de nós.

## REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela, 1944- Mulheres, raça e classe [recurso eletrônico] / Angela Davis; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel, SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). Métodos de pesquisa – UAB/UFRGS - SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Schiella Nunes. Mulheres dos Escombros - A condição das mulheres periféricas em tempos de catástrofes. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2019.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2004.

\_\_\_\_\_. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. 1. ed. São Paulo. Editora Elefante, 2019.

IBGE. PNAD Contínua Trimestral: desocupação fica estável em 26 das 27 UFs no 1º trimestre de 2022. Estatísticas Sociais. 2022. Disponível em < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/33703-pnad-continua-trimestral-desocupacao-fica-estavel-em-26-das-27-ufs-no-1-trimestre-de-2022> > Acesso em: 01 ago. 2022.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, Dados e Fontes. Elas Vivem: dados de violência contra a mulher (Rede de Observatórios da Segurança, 2022). Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/elas-vivem-dados-de-violencia-contra-a-mulher-rede-de-observatorios-da-seguranca-2022/>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. Dossiê Femicídio. POR QUE AS TAXAS BRASILEIRAS SÃO ALARMANTES? Disponível em: < <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/qual-a-dimensao-do-problema-no-brasil/> >. Acesso em: em 01 ago. 2022.

OLIVEIRA, Sara. 'Violência contra mulher não é só questão de segurança pública', 2022. Disponível em < <https://www.seculodiario.com.br/direitos/violencia-contra-mulher-nao-e-so-questao-de-seguranca-publica> > Acesso em: 01 ago. 2022

SAQUET, M. A. Construindo uma proposta de abordagem territorial e (i)material. In: \_\_\_\_\_. Abordagens e concepções de território. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.